

Grupo Raízes da Terra: uma conquista da juventude do assentamento Tiracanga

Depois do ensaio de dança, os/as jovens do grupo Raízes da Terra me chamaram para uma conversa e num jogo de perguntas, uma delas recaiu sobre mim. O que eu achava deles? Então, de observadora, me tornei participante. Ao compartilhar experiências que nos aproximavam, a conversa fluiu solta em risadas, vozes e gestos.



Grupo ensaiando para apresentação de dança na Casa

Meu papel ali, que era de escutar e estimular a narrativa dos jovens, se expandiu, porque meu olhar também era importante para eles/as, assim como o deles/as sobre si mesmos. É quando se percebe a importância de dividir e dialogar. Ali, na Casa de Cultura do Tiracanga, no terreiro cimentado para receber o espetáculo de dança e o arrasta-pé da festa de comemoração de 11 anos do grupo de jovens Raízes da Terra e do grupo de mulheres Esperança e Luz, é que se via também a importância de compartilhar os sonhos, trabalhos, planos e a identidade.

Quando me pediram opinião, era só olhar ao redor e agradecer por estar lhes descobrindo e o espaço que conquistaram na comunidade. O que me restava era escutar o caminho que eles e elas têm percorrido para chegarem até aqui.

Quem conta parte da história é a Anaclécia, jovem de 25 anos que estuda e leciona na escola do assentamento. A vida dela se confunde com a do grupo, pois foi uma das idealizadoras.

“Inicialmente, a juventude se reunia para formação da crisma, porque temos uma forte tradição religiosa. A gente se reunia nos fins de semana e em toda as reuniões, tínhamos atividades na comunidade, como visitar um doente, cuidar de um idoso. E a gente começou assim, tendo essa proximidade não só de formação mas participando mais ativamente da comunidade.

Em 2002, eu tive uma ideia com duas colegas pra gente formar um grupo de jovens. No início a gente não tinha tanta ideia da dimensão que poderia tomar, como é hoje, a ideia era só formar o grupo, ter um nome, uma identidade, e realizar algum trabalho. A questão maior era mostrar o potencial da juventude, porque nesse tempo, mesmo que recente, nós não éramos vistos (ainda somos) como capazes.

A questão maior era mostrar o potencial da juventude, porque nesse tempo, mesmo que recente, nós não éramos vistos (ainda somos) como capazes.



Reunidos em oração antes da apresentação na festa

O jovem era visto como irresponsável, que inicia um trabalho e não conclui, não pode sair se não for acompanhado de um maior. E a gente quis provar que não era bem assim, a gente tinha outros ideais”.

E em busca de afirmação, plantaram uma horta, perto do açude, para ajudar nos recursos que poderiam precisar, além de ajudar na comunidade. “Também era buscar uma certa independência, e muito de mostrar nossa capacidade de ser independente”, completa Ana. Mas era ano de estiagem, e o que plantaram não conseguiram vender, ficou para as famílias, ajudando na alimentação da casa.

Logo no primeiro ano, as inquietações

levaram os jovens a encontrar na professora Elisnubia um apoio. Ela viu a importância deles redescobrirem a cultura da comunidade, manifestar as tradições na sua própria leitura. E assim, a quadrilha junina foi a fonte de inspiração. “Era uma coisa que nossos antepassados brincavam, dançavam, e a gente só os via falando e a comunidade não tinha mais nada disso”.

Ana continua: “A comunidade se engajou! Para os mais velhos, pelos depoimentos, era como se eles tivessem voltado no tempo, isso nos incentivava muito. Por mais simples que seja, se não tiver, é uma perda pra eles e pra gente, que é brincante. Está enraizado já de muito tempo, nos mais velhos, e em nós”.

Surgiu, então, a necessidade por melhores estruturas. Por muito tempo, usavam o mesmo figurino para as apresentações ou alugavam, e o ensaio ou era numa casa ou na escola, mas não estava dando certo. Em 2006, com ajuda de Ioneide, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canindé (STTRs), 13 jovens do grupo receberam bolsas de incentivo do Programa Cultura, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Eles se afirmaram como grupo de dança.



Henrique e seu talento para piano de litro

O grupo chamou atenção de Silma, então funcionária do Incra, que ao conhecê-los e ver a necessidade de um espaço adequado, buscou apoio na Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA) e assim, em 2010, foi construída a Casa de Cultura do Tiracanga. Hoje, a Casa é Polo Cultural de Canindé, recebendo os mais diversos eventos de cultura. Em 2009, o grupo foi selecionado pelo Edital Pontos de Cultura, do Ministério de Cultura. Já estão na 3ª parcela do financiamento, tendo feito melhorias na casa, recebido diversas formações, como literatura e percussão, nas quais estão se descobrindo talentos.

“Com a dança, com a manifestação da nossa cultura, a gente quer dizer que: eu posso viver no campo, eu posso buscar alguma forma de permanecer aqui”. E finaliza Ana: “Agora, a gente tem buscado também, pelo nosso futuro e pela continuidade do grupo, caminhar com nossas próprias pernas. A gente já tem combustível suficiente. Em reflexão com o amigo Wagner, eles se perguntaram: “já pensou o que seria do assentamento sem o grupo? – eu tenho certeza, nem estaria mais aqui!”.



Jovens do grupo em frente à Casa de Cultura